

## AS IDENTIDADES CULTURAIS NAS BI-LÍNGUAS PELOS SUJEITOS<sup>1</sup> SURDOS: LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA

Janaína Pereira CLAUDIO<sup>2</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

[janaina.claudio@pucrs.br](mailto:janaina.claudio@pucrs.br)

### Resumo:

O presente artigo tem por objeto uma abordagem introdutória sobre a educação do surdo, em escolas do Rio Grande do Sul, considerando as identidades culturais destes grupos. Suas línguas expressam uma forma de compreender o outro, através da comunicação. Os sujeitos surdos, que recebem informações pela Língua Brasileira de Sinais não só apresenta a possibilidade de construir conceitos e de relacionar-se com o ambiente educativo, social e cultural. Enquanto isso, também diferente caminho que lhe permitirá entrar nas “Identidades Culturais nas Bi-línguas pelos sujeitos surdos: LIBRAS e Língua Portuguesa” onde representa a aquisição de duas línguas se dão espaço de forma do conhecimento entre dois mundos. A evolução da tecnologia influencia os sujeitos surdos, o modo do saber, de narrar, de articular com outros. No entanto, a escola, a comunidade surda, tem por missão conhecer, aprender, principalmente o valor do saber e do poder, de modo que os sujeitos surdos também desempenham um papel importante, a continuidade da bandeira da língua dos surdos.

**Palavras-chave:** Educação; Língua Brasileira de Sinais; Língua Portuguesa e Surdos.

### INTRODUÇÃO

Considerando a temática, identidades culturais nas bi-línguas pelos sujeitos surdos, este artigo se coloca na perspectiva de refletir os profissionais para a educação dos surdos embasada pelas memórias das narrativas. Neste sentido, é possível ilustrar e apresentar as implicações sociais, linguísticas na educação dos surdos, a partir da formação de professores de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), em escolas particulares e públicas do Rio Grande do Sul.

---

<sup>1</sup> Sujeitos pertencem ao mundo dos *facebookeiros*.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Professora assistente na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS.

A educação dos surdos, sob essa ótica, em escolas do Brasil, considera a importância sobre a formação da identidade do surdo, sendo social, político, linguístico e histórico destes grupos. Sua língua expressa uma forma de compreender o outro, através da comunicação. Segundo Sacks descreve que a língua de Sinais é visualmente diferenciada de todas as línguas faladas (2010, p. 105):

A língua emerge – biologicamente – de baixo, da necessidade irreprimível que tem o indivíduo humano de pensar e se comunicar. Mas ela também é gerada, e transmitida da história, das visões de mundo, das imagens e paixões de um povo. A língua de sinais é para os surdos uma adaptação única a um outro modo sensorial; mas é também, e igualmente, uma corporificação da identidade pessoal e cultural dessas pessoas.

Além da alteridade do outro, pode ser considerado como a diversidade, a diferença, a cultura e a língua, num processo de mudança estrutural da sociedade trazida pela transformação do final do século. Estas transformações: acesso a educação, novas tecnologias, novas leis de inclusão, estão mudando nossas identidades. Se a identidade está sendo deslocada pela experiência, surge à dúvida e o risco de afirmar, ou assumir, a nova identidade. Porém, a língua se mantém como o valor cultural que representa o principal elo de união da comunidade.

O conjunto de recursos e manifestações dessas duas línguas são utilizadas pelos surdos: LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) e LP (Língua Portuguesa) na comunicação. Porém os surdos têm a LIBRAS como primeira língua, por apresentar uma comunicação visual-espacial. LIBRAS é utilizada pelos sujeitos surdos com uso dos movimentos pelas mãos, pelas expressões faciais e corporais e outros. As línguas dos surdos possuem suas gramáticas próprias, aspectos linguísticos e as características nas áreas linguísticas.

Segundo Claudio & Neta (2009, p. 8) afirmam que a Língua Brasileira de Sinais possui uma forma de comunicar:

A Língua de Sinais é uma língua visual e gestual, diferente de todos os idiomas já conhecidos que são orais e auditivos. É uma língua que é pronunciada pelo corpo e percebida pela visão.

Aos autores Lopes & Veiga-Neto (2010, p.124) descrevem sobre o marcador cultural pelo sujeito surdo:

O sujeito destaca as mudanças que percebe nos movimentos da cultura surda, apontando a luta como uma condição e como um marcador de um grupo surdo de uma época. Admite que todos os surdos que estão na escola de surdos partem de uma condição diferenciada por terem a possibilidade e o direito de utilizarem a língua de sinais na escola. Embora a língua seja um forte referente, a luta ocupa, na narrativa, uma mesma posição de importância.

Nesse ponto de vista, com certa visibilidade o movimento dos surdos brasileiros se desenvolve na política, na educação, na língua. Este movimento se propaga de forma globalizada, onde a comunidade surda comunica as mudanças das visões, dos pensamentos e das informações que envolvem o mundo dos surdos nas perspectivas sociais, culturais e educativas.

Na sociedade brasileira, as narrativas dos surdos estão relacionadas às experiências de pessoas surdas, que se reconhecem nas discussões sobre “diferença” em oposição à “deficiência”. Neste sentido, Skliar (2001, p.11) descreve a definição sobre a surdez:

[...] a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida: a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência.

A busca pela forma política e cultural de representação dos surdos sempre foi e é intensa, tendo como protagonistas os movimentos sociais das pessoas surdas que querem o espaço do direito e da igualdade.

Os Estudos Surdos têm surgido como produções acadêmicas dos movimentos surdos, conectados com o campo dos Estudos Culturais em Educação, por privilegiarem em suas discussões e análises os mesmos pontos teóricos, como as práticas discursivas e as formas do discurso. Temas como a comunidade surda, a cultura surda, a identidade são investigados. Segundo Skliar (2001, p.5):

Os Estudos Surdos se constituem enquanto um programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir de seu reconhecimento político.

Portanto, a Língua de Sinais é um valor cultural, que habilita seus usuários na comunicação com os sujeitos surdos e na construção da mensagem proposta por este povo.

Segundo autora Karin (2008, p.25 e 26) descreve que as comunidades surdas brasileiras reuniam para discutir o que era preciso melhorar sobre o respeito e a igualdade:

As comunidades surdas no Brasil têm uma longa história. O povo surdo brasileiro deixou muitas tradições e histórias em suas organizações. Estas organizações iniciaram diante de uma necessidade do povo surdo ter um espaço para se reunir e resistir contra as práticas ouvintistas que não respeitavam sua cultura. Essas organizações – as associações de surdos, federações de surdos, igrejas e outros – também tiveram e tem o papel importante que é a transmissão cultural, esportiva, política, religiosa e fraternal pelos povos surdos.

No Rio Grande do Sul, o povo surdo rio-grandense tem suas conquistas através do exercício de uma política que faz valer a diferença linguística e cultural em diferentes espaços. A mídia, o teatro, a poesia, a dança, e outros, através dos diferentes artefatos culturais.

Pensar sobre o ensino das duas línguas para os sujeitos surdos dentro desta historicidade gera alguns aspectos reflexivos, entre eles a necessidade de a sua formação. Além disso, pode ser percebido que o Brasil apresenta em cenário favorável para reflexão entre o que é realmente necessário na formação de professor para a educação de surdos, pois a oficialização da LIBRAS, conforme consta na Lei Federal 10.436 (24/04/2002), e depois o Decreto nº 5.262, de 22 de Dezembro de 2005, foram duas importâncias mudanças significativas nas legislações e no pensamento do movimento surdo.

O Decreto trata diversos temas importantes, como:

- A inclusão de LIBRAS como disciplina curricular;

- A formação do professor de LIBRAS e do instrutor de LIBRAS;
- O uso e a difusão da LIBRAS;
- A formação do tradutor e intérprete de LIBRAS - Língua Portuguesa;
- A garantia do direito à educação das pessoas surdas ou com deficiência auditiva.

Portanto essa Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 reconhece a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como meio legal de comunicação e expressão de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, de uso das comunidades de pessoas surdas. Consta que os sistemas educacionais federal, estadual e municipal e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino de LIBRAS, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, conforme legislação vigente. Por sua vez, o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, sancionado no governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do Ministro de Estado da Educação Fernando Haddad para regulamentar a lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, trata do papel do poder público e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos, no apoio ao uso e difusão de LIBRAS; na formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da LIBRAS e à realização da tradução e interpretação de LIBRAS - Língua Portuguesa, e, conseqüentemente, da formação em nível superior do professor de LIBRAS, da formação em nível médio do instrutor de LIBRAS, e da formação do tradutor e intérprete de LIBRAS - Língua Portuguesa.

Apesar das lutas e das mudanças significativas na legislação, dos desafios nas implantações em algumas escolas e instituições de ensino, o fato é que, os surdos, há muito tempo, lutam pelo reconhecimento da diferença e pelo direito a inclusão social.

É possível reconhecer que em todo o território nacional existe uma preocupação em implantar o decreto, referente à área, mas ainda falta muito para a plena vigência da lei. As escolas inclusivas para surdos, e instituições de ensino superior que ainda há um caminho a percorrer até o reconhecimento da LIBRAS como língua natural, através da implantação qualificada da disciplina de LIBRAS, na formação do professor e do instrutor de LIBRAS, além da formação do tradutor e do intérprete de LIBRAS.

## **A FORMAÇÃO DE PROFESSOR**

Na perspectiva da formação de professor, a educação para surdos, passa pelo desafio de atender ao ensino de duas línguas, LIBRAS sendo a primeira língua e Língua Portuguesa como a segunda língua. Porém, é necessário que haja conhecimento da primeira língua dos surdos, possuindo a fluência de maneira a conduzi-lo ao conhecimento raciocinado da segunda língua.

Existe muita discussão sobre o ensino da escrita e da leitura na educação dos surdos, muitos professores, pais, familiares ficam preocupados quando identificam que o “Português” do surdo se classifica como inferior, péssimo e sem valor. Sabendo que esta é a segunda língua dos surdos, portanto, o ensino do Português depende do interesse e da clareza dos professores ouvintes, no domínio de LIBRAS.

Segundo Brasil (2008, p. 17) apresenta como base da política pública sobre a inclusão dos alunos surdos em escolas no Brasil:

Para a inclusão dos alunos surdos, nas escolas comuns, a educação bilíngue - Língua Portuguesa/LIBRAS, desenvolve o ensino escolar na Língua Portuguesa e na língua de sinais, o ensino da Língua Portuguesa como segunda língua na modalidade escrita para alunos surdos, os serviços de tradutor/intérprete de Libras e Língua Portuguesa e o ensino da Libras para os demais alunos da escola. O atendimento educacional especializado é ofertado, tanto na modalidade oral e escrita, quanto na língua de sinais. Devido à diferença linguística, na medida do possível, o aluno surdo deve estar com outros pares surdos em turmas comuns na escola regular.

Neste sentido podemos dizer que no último século começaram a surgir novos discursos que emergem em diferentes vertentes da cultura, da antropologia, da linguística e da filosofia, colocando na investigação o campo da educação e da comunicação. Por isso, é uma questão de poder, e podemos dizer também que é uma questão de política. Enfrentando a busca do conhecimento para os alunos surdos, é preciso ir em frente, seja surdo ou ouvinte, o que importa é a competência para o ensino de duas línguas oficiais, sem exclusão cultural de qualquer ordem.

Segundo Lopes (2009, p.157) reflete sobre o conceito da exclusão:

*Exclusão* é uma palavra que tem sido amplamente utilizada em campanhas políticas e em práticas de assistência, em discursos acadêmicos de distintas áreas do saber, em campanhas de saúde pública e, talvez principalmente, em políticas educacionais. Ela está quase sempre associada aos analfabetos, às pessoas com deficiência, aos doentes mentais, àqueles que não conseguiram aprender na escola, aos alunos matriculados em escolas especiais e regulares – mas que não aprendem -, aos meninos de rua, aos velhos abandonados, aos pobres e às minorias em geral. Ela está associada, também, à própria noção de crise, como estado característico da Contemporaneidade.

Assim, o processo de inclusão se desenvolverá através de uma sociedade preparada para assumir a organização do poder pela educação.

## **OS ELEMENTOS NARRATIVOS**

O papel da narrativa como meio de conhecimento tem sido valorizado em diferentes campos de discursos como a história, a filosofia, a antropologia, a linguística e outros. Portanto nas últimas décadas, a educação passou a reconhecer, especialmente, como metodologia de investigação e de desenvolvimento pessoal e profissional de professores/educadores.

As narrativas podem ser entendidas como forma de comunicações orais, visuais ou escritas, que tenham utilizadas há vários séculos e em diferentes culturas como objetos educativos e ampliando em diferentes artefatos culturais, para estruturar com a organização do pensamento e do aprendizado.

## **NARRATIVAS E MAPEAMENTOS**

Neste espaço serão apresentadas a questão usada para depor no mural do *facebook* para algumas pessoas possam comentar na busca da narrativa de suas experiências no momento em que participaram das discussões de ensino e da formação de professor para a

educação de surdos. As questões abertas visam permitir que os *facebookeiros* apresentem de forma livre suas memórias e lembranças, discursos e narrativas.

A seguir será apresentado o mapeamento da questão e das narrativas, respeitando as limitações de espaço proposto para este trabalho.

A questão proposta que foi postada no mural do *facebook*, foi:

- Na escola: O que o professor de LIBRAS deve saber ou ter conhecimento antes de ensinar para os alunos?

Os nomes dos *facebookeiros* serão ocultados, portando utilizarei a letra F (identificando o *facebookeiro*). A seguir serão postados os comentários da questão mais pertinentes. Deixando em pautas para que os leitores possam refletir.

Eu acredito que o professor deva ser alguém que goste de estar num ambiente com crianças e adolescente, sentindo-os como iguais, sendo ouvinte ou não. Acredito que professor não é um papagaio, mas alguém que transforma outro alguém em cidadão... [...] Se querem ser rôbos que apenas tragarelam na frente no quadro, desistam de ser professor, pois seu lugar é numa fábrica cheias de rôbos que repetem as mesmas coisas se se importar com a condição humana... Todos os professores deveriam ser como a Janaína Pereira Claudio, que apesar de surda sabe ensinar e educar como ninguém... Você é muito especial professora e foi ótimo ter aula com você, quem dera se todos os professores fossem como a senhora.

Quadro 1: F1 comentário postado no *facebook* (02/2012).

Neste comentário, é importante destacar o processo da escrita, da leitura, relacionando a igualdade de pessoas surdas e ouvintes. Além do olhar sobre uma professora surda que fez um modelo diferencial para ensinar e educar, deixando algo especial e marcante no aluno.

[...] para ser professor é preciso ACREDITAR QUE A MUDANÇA É POSSÍVEL! A frase é do Paulo Freire e resume a minha opinião, porque é preciso acreditar no aluno, acreditar do poder da educação e acreditar na humanidade... Caso contrário nada acontece!!!

Quadro 2: F2 comentário postado no *facebook* (02/2012).

No segundo comentário, destaca que é preciso acreditar que a mudança é possível, baseado na frase pelo importante educador Paulo Freire, e apontando a importância em acreditar na educação e na humanidade, Isso resume tudo nas questões postadas, Porém, além disso é preciso envolver a educação de surdos nas investigações científicas e práticas, sobretudo no campo da educação, sobre o papel linguístico no desenvolvimento do pensamento e da reflexão.

Comentário final: no término deste trabalho é possível avaliar que este tema é muito vasto e permite que seja pesquisado, através de diferentes abordagens. Buscar respostas e

gerar conhecimento sobre a transformação social que ocorre pelo estudo/divulgação de LIBRAS e, a consolidação da relação de pertencimento do surdo como cidadão, é a contribuição que a ciência e a educação traz o mundo.

## **EVIDÊNCIAS PROVISÓRIAS**

No desenvolvimento desse trabalho fica visível a importância de formação de professor de LIBRAS, as possibilidades de crescimento do conhecimento e de investigações para tomar a melhor maneira de ensino dos alunos surdos. Portanto, a formação de professor de LIBRAS será um período contínuo e buscará as responsabilidades em ter conhecimentos/fluências da língua.

A escola para surdos podera-se desenvolver em diferentes graus de influências se estabelecem a partir do maior ou menor grau de conhecimento do território ouvinte sobre o território surdo. Esta diferença entre o som e o silêncio tem como mediador do educador e a família, pois a língua materna da pessoa surda é a LIBRAS.

Na descrição interessante, Claudio & Neta (2009, p. 14):

Conviver com os surdos é um aprendizado, conhecer os surdos é despir-se da discriminação e do preconceito. A aceitação que leva o verdadeiro amor. Se este for o pensamento da família, assim a sociedade pensará. Se a família engajar-se nos movimentos surdos e partilharem com orgulho da experiência de transitar entre dois mundos logo a sociedade guardará seus rótulos em baús empoeirados, pois para nada mais eles terão serventia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>

CLAUDIO, Janaína Pereira; NETA, Celina Nair Xavier. **O mundo surdo infantil**. In: VI Congresso Internacional de Educação - Educação e Tecnologia: sujeitos (des)conectados?, 2009, São Leopoldo. v.nº1.

LOPES, Maura Corcini. **Políticas de Inclusão e Governamentalidade**. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, v.34, n.2, mai/ago2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/index>

\_\_\_\_\_ & VEIGA-NETO. Marcadores culturais surdos. In: LOPES, Maura Corcini; VIEIRA-MACHADO, Lucyenne Matos da Costa (Orgs.) **Educação de surdos: políticas, língua de sinais, comunidade e cultura surda**. 1.ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre, Mediação, 2001. P. 5 – 32.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.